

O MISANTROPO

POR **Hugo van der Ding** E
Martim Sousa Tavares
A PARTIR MOLIÈRE

D.M^{II}

TEATRO
NACIONAL
D. MARIA II

BICHODCMATO

A ação decorre em 1722.

Nove anos antes, Vasco Vaz era estribeiro de Dom João V e estava a ensinar o filho João, de onze anos, a aparelhar uma quadrilha de cavalos. A cozinheira Ximena, sua mulher, ensinava a filha Ana, de doze anos, a fazer papos de anjo. Ambas as crianças fazem merda.

Nesse dia, 23 de março de 1713, ia o rei a caminho de Odivelas para frequentar Madre Teresa, quando se rebenta um freio, mal aparelhado por João, causando a soltura de um cavalo que projeta um pouco de bosta na direção da Real Pessoa. «Merda para a Real Pessoa», diz a *Gazeta da Manhã*.

Ao mesmo tempo, no paço, Dona Maria Ana d'Áustria engasga-se com um pau de canela, deixado por lapso pelas mãos de Ana no interior de um papo de anjo, cuspiendo-o para cima do retrato de seu pai, Leopoldo I, imperador do Sacro Império Romano-Germânico. «Pau na cara do Imperador», diz o *Correio de Mercúrio*.

Segue-se um inquérito judicial no paço, e Vicente e Ximena, divididos entre denunciar os filhos ou dar a vida por eles, optam pela segunda. São condenados à forca.

Órfãos, a jovem Ana é mandada para um convento e João vai ser criado do irmão do rei, Dom Francisco, duque de Beja, um pulha que tratava os servos abaixo de cão. Os irmãos encontram-se nove anos mais tarde na companhia teatral montada por Dinis Macedo, um industrial de pentes falido.

A companhia está a terminar os ensaios d'*O Misanthropo* de Molière, para apresentar à Corte nos festejos do 14.º aniversário do real matrimónio.

PRIMEIRO ATO

No centro do palco, existe um quadrado com duas cadeiras, espaço que os atores nunca pisam. Na parte posterior, existem três camarins, a que se acede por três ou quatro degraus. De cada lado do quadrado, estão os bastidores.

É importante que não se ouçam as pancadas antes do espetáculo.

Scena Primeira

JOÃO *(contrariado e canastrão)*

«Deixai-me, pois o que ouço é insano,
o meu desejo é zangar-me e não escutar;
esqueci da amizade o funesto engano,
se o jurei foi só para me enganar.
Assim, declaro bem alto, que__»¹

INÊS *(gritando)* A MINHA AVÓ É PUTA!

Acendem-se as luzes, desilusão geral. Inês tapa a cara com as mãos.

INÊS *(desculpando-se, mas altiva)* Peço perdão. Como sabem, fico horrorizada, isto não sou eu... são uns acessos que eu não controlo...

¹ Em caso de necessidade, acrescente-se ou retire-se texto do original a esta abertura.

MARQUÊS (*trocista*) Sempre foi mais convincente do que a canastrice deste rapaz.

INÊS (*segura de si mesma*) ... mas há um médico em Paris...

JOANA (*para João, simpática, só porque gosta dele*) Eu gostei...

CONDE (*escarnecendo de Inês*) Já sabemos, estamos inclusivamente cansados de a ouvir chamá-lo pelo nome: Monsieur Gilles de La Tourette!

DINIS (*bufando e levando as mãos à cabeça*) Bonito! Isto está bonito, está: daqui a uma hora sobe o pano e estaremos a apresentar esta valente desgraça perante toda a Corte, os embaixadores, os bispos... e suas majestades, o rei Dom João V e a rainha Dona Maria Ana d'Áustria!

JOÃO (*irritado*) E quem é essa gente?

MARQUÊS (*com desprezo, para si mesmo*) Sim, de facto.

JOÃO O que é que ser rei tem, que o torna mais especial do que eu ou os senhores? Acaso não nascemos todos iguais? Não viemos todos ao mundo a gritar? E o rei não tem, tal como todos nós, dois ouvidos, dois olhos e uma boca? (*Reparando que o Marquês tem uma pala num olho*) Dois ouvidos e uma boca? Ouvidos esses que são portas abertas a toda a sorte de baboseiras que dia e noite se dizem, e boca essa que não tem vergonha de as dizer. E a mim só me ocorre uma coisa:___

INÊS (*gritando*) QUE SE FODA O REI, QUE SE FODA ESTA MERDA TODA. (*E, horrorizada, tapa a cara com as mãos*)

Exasperados, afastam-se todos, cada um para seu lado, como que desistindo.

INÊS *(afastando-se e dizendo para si mesma)* Tenho de ir... Tenho de ir a Paris o quanto antes.

Ana puxa João por um braço e fala-lhe à parte.

ANA Ensandeceste de vez? Para começar, não se fala assim de suas majestades *(faz uma pequena vénia)*. E depois, para de fazer escândalo, senão isto vai tudo por água abaixo e não há teatro para ninguém.

JOÃO Eu sei. *(Imitando a vénia)* Mas essa subserviência deixa-me fora de mim.

ANA E esforça-te um bocadinho, ou ainda descubrem que não somos atores.

JOÃO Sim, porque tu és a Luísa Todí.

Afasta-se, irritado.

JOANA *(tentando acudir e querendo receber João nos braços)* João... Preciso de um momento a sós contigo...

JOÃO Desanda daqui.

João afasta Joana, que fica magoada, com um gesto brusco. A trupe aproxima-se de João para o admoestar.

Scena Segunda

CONDE Realmente, assim não vai dar. É que não basta ter uma boa figura (*aponta para si mesmo*), também é preciso fazê-la.

MARQUÊS Tem razão, caro Conde. Embora até um relógio parado esteja certo duas vezes por dia.

ANA (*rindo, para agradecer*) Que espirituoso, senhor Marquês! Essa nunca tinha ouvido! (*Atabalhoando, séria*) Mas é bem observado, senhor Conde, temos de fazer boa figura.

DINIS (*resoluto, assumindo a liderança*) Vamos lá ver, isto não pode ser assim tão difícil. Não é só recitar os versos? Isto do teatro, no fundo, é como uma pantomima, mas com falas. Na minha fábrica de pentes, Macedo & Filha (*aponta para Joana*), tive de preparar regulamentos, balancetes e inventários, e isso sim, são coisas difíceis de fazer. Vamo' lá ver, onde é que anda o texto? (*Abre o guião ao calhas e recita uma passagem, enganando-se e perdendo-se várias vezes*)

«A esperança é quem nos alivia,
nos embala os dias e o desalento;
mas, ó bela Filis, triste é a agonia
se tudo não passar de vago pensamento.

Reconheço a vossa indulgência,
mas, senhora, severa tivésseis sido...»

Por esta altura, estão todos a rir de Dinis, que interrompe a leitura.

MARQUÊS (*irónico*) Ouviram? Isto é que é ler um poema! Claro como água, alto e bem projetado, tal e qual como se pede na Corte.

JOÃO (*macambúzio, como sempre*) E a Corte é lá lugar para poesia?

CONDE Mas claro que é. Se não fosse na Corte, onde é que haveria de ser?

MARQUÊS Vê-se que este rapaz nunca frequentou os altos círculos. Os espíritos nobres cultivam-se através das artes.

JOÃO Espíritos nobres?! Esses, se ainda os houver, não é certamente na Corte que se encontram.

DINIS Senhores! O que importa agora não são estas discussões, sem dúvida enriquecedoras, sobre o lugar das musas. Guardem esse empenho para a nossa obra, porque temos uma representação teatral para cumprir daqui a nada. Isto é uma produção do empresário Dinis Macedo, e onde Dinis Macedo se mete, o resultado é sempre um primor. E o senhor (*dirigindo-se a João*), ponha-se em brios e à altura da ocasião, que representar para reis e rainhas não é todos os dias! Devia estar agradecido pela oportunidade que lhe estou a dar, pela qual ainda por cima lhe pago!

JOÃO (*escarnecendo, com visível prazer*) Esta é boa: do senhor Marquês de Sangalhos... e do senhor Conde do Paul do Boquilobo... (*olha para um e para outro, que respondem com vénias*) eu até esperava os salamaleques aos reis e às rainhas. Mas agora de um comerciante de pentes é que, francamente,

fico surpreendido. Para mim, tanto o senhor como o rei dos reis não passam de seres humanos, presos à vil condição de forjadores de intrigas, dadores de abraços fúteis, declamadores de vãs palavras, que entre si lutam por reverências e tratam de maneira igual um imbecil e um homem de bem.

Ninguém percebe nada deste palavreado. Todos se entreolham.

CONDE (*seríssimo*) Ó meu caro João... Da próxima vez, meta mais tabaco nisso.

JOÃO Repita lá isso...?

Os ânimos ameaçam aquecer irreversivelmente. Manuel intervém para sanar as coisas, afastando João do olho do furacão.

Scena Terça

Manuel e João, a sós.

MANUEL (*cachondo, mas bem-intencionado, agarra João pelo braço e faz sinal ao resto da trupe para que os deixem a sós*) Anda, João. Eu ajudo-te com o teu texto. Experimenta dizer as tuas falas comigo:

«Deixai-me, pois o que ouço é insano,
o meu desejo é zangar-me e não escutar;
esquecei da amizade o funesto engano...»

JOÃO *(recitando mal)*

«Deixai-me, pois o que ouço é insano,
o meu desejo é zangar-me e não escutar;
esquecei da amizade o funesto engano...»

MANUEL *(fazendo círculos à volta de João)* Isso. Mas vai respirando.
E relaxa... *(Repete o texto)*

«Deixai-me, pois o que ouço é insano,
o meu desejo é zangar-me e não escutar;
esquecei da amizade o funesto engano...»

JOÃO *(melhorando gradualmente, enquanto Manuel se aproxima por trás)*

«Deixai-me, pois o que ouço é insano,
o meu desejo é zangar-me e não escutar;
esquecei da amizade o funesto engano...»

MANUEL *(falando por trás de João, até estar a sussurrar-lhe ao ouvido)*
Isso. Estás a ir bem.

«Esquecei da amizade o funesto engano...»

JOÃO «Esquecei da amizade o funesto engano...»

MANUEL «O meu desejo é zangar-me e não escutar...»

JOÃO «O meu desejo...»

A cena desvanece.